

BC estuda exigir capital adicional dos bancos

Risco no mercado de derivativos ficou maior depois da crise global, diz Cláudio Mauch, do BC

MÔNICA IZAGUIRRE

BRASÍLIA — O Banco Central poderá elevar a parcela extra de capital exigida dos bancos para enfrentar o risco da atuação nos mercados de derivativos, revelou ao **Estado** o diretor de Fiscalização do BC, Cláudio Mauch. Uma das modalidades de derivativos em que os bancos mais atuam é o "swap", operação em que se aposta na variação do preço de um ativo contra a variação do preço de outro ativo (taxa do dólar contra juros dos depósitos interbancários, por exemplo).

A questão ainda não está decidida, mas está sendo analisada, afirmou Mauch. A reavaliação do "requerimento de capital" para enfrentar riscos de perdas com derivativos é mais uma reação do BC à crise que ocorreu nos mercados do mundo inteiro. É que a crise provocou muita oscilação do preço de diversos ativos nos quais se referenciam essas operações no Brasil.

Atualmente, o BC exige dos bancos que operam com derivativos um capital adicional equivalente a 16% do valor do risco dessas operações. O valor do risco, por sua vez, é calculado com base em uma complexa fórmula. A exigência é extra porque as instituições são obrigadas a ter ainda um patrimônio líquido de no mínimo 10% do que emprestam.

Mauch reconhece que fundos administrados por bancos brasileiros no exterior — e não só no Brasil — tiveram perdas com a crise. Quanto a eventuais perdas sofridas pelos próprios bancos, o cenário ainda não é claro e será preciso esperar para saber, salienta Mauch.

Estado — Diversos economistas dizem que a fragilidade dos sistemas financeiros de países asiáticos foi um dos motivos da fuga de recursos externos que provocou fortes desvalorizações cambiais naquela região. Que lição a crise da Ásia deixa para o Brasil, no que diz respeito ao seu sistema financeiro?

Cláudio Mauch — A consciência de um sistema financeiro é a qualidade de seus ativos, isto é, a

qualidade das operações para as quais as instituições financeiras direcionam o dinheiro captado de terceiros. Quando alguém deixa dinheiro em banco para ganhar uma taxa quer ter a tranquilidade de que, no vencimento, vai tê-lo de volta. O que pode dar essa segurança não é governo e sim a qualidade dos ativos, das operações feitas pela instituição. Se a instituição empresta ou aplica em ações de empresas em dificuldades ou ainda se começa a fazer empreendimentos cujo valor de realização constante nos livros está acima do que o mercado está se preparando para pagar por aquele bem, isso começa a provocar uma certa desconfiança. Num primeiro momento, o investidor exige taxas mais altas e depois começa a fugir. O mercado começa a ficar nervoso demais e na dúvida ele saca dinheiro. O capital é o bicho mais covarde que existe. Foge de qualquer barulho, de qualquer risco que lhe pareça um pouco fora do normal. A sobrevalorização de ativos foi um dos problemas que aconteceu na Ásia.

Estado — Se o nosso sistema financeiro estava sólido, como sempre disse o BC, por que saiu capital externo também daqui do Brasil?

Mauch — O investidor, logicamente, chega a um ponto em que, diante da perda sofrida em determinado mercado, vai buscar recursos em outro mercado, onde também é investidor e onde não tenha perda com a realização de seus ativos. O inter-relacionamento dos mercados no mundo hoje é uma

verdade. Há investidores globais que investem em várias partes do mundo ao mesmo tempo. Então, se há problema de um lado do mundo, o outro lado sofre por quê? Porque justamente esse outro lado que não deu motivo a uma desconfiança é um mercado mais líquido. A realização dos ativos nesse mercado mais líquido não provoca perda. Muita gente saiu daqui não por desconfiança mas sim porque aqui tinha liquidez e, portanto, facilidade de realização de ativos.

Estado — E quanto às lições que ficam?

Mauch — É como eu estava lhe dizendo. A lição é que nós, supervisores bancários, temos que estar cada vez mais atentos à qualidade das operações das



Mauch: a favor da maior concorrência no setor bancário, pois "há espaço para novos bancos no País"

instituições financeiras no que se refere ao risco que elas representam. Temos que estar cada vez mais atentos à capacidade das instituições de suportar riscos. E nesse sentido estamos no rumo certo; estamos fazendo nossa lição de casa. Recentemente, elevamos o requerimento mínimo de capital das instituições financeiras, de 8% para 10% do valor da operações ativas (empréstimos e outras aplicações feitas pelos bancos). As instituições foram obrigadas a ter um capital maior para um mesmo volume de operações. Passamos a exigir ainda um capital extra, relativo ao risco das operações com derivativos (operações nos mercados futuros, de opções das bolsas e de swap, por exemplo).

Estado — Diante da crise ocorrida nos mercados, o BC pensa em mudar de novo essa exigência de capital que hoje é de 10%?

Mauch — Eu não vejo necessidade de mudança nisso aí especificamente. O que está se verificando é o capital adicional para operações com derivativos. O pessoal do Sérgio (Darcy, diretor de Normas) está fazendo algumas análises para verificar se o requerimento de capital que já temos está adequado ou se precisa sofrer uma melhoria. As operações com derivativos têm várias ramificações. Muitas vezes

essas operações se apóiam em tanta coisa (podem ter como referência os mais variados ativos, dólar, juros, etc) que se um mercado daquele cai provoca reflexos nas operações nele referenciadas.

Estado — O senhor está falando da influência de outros mercados em operações com derivativos aqui no Brasil?

Mauch — Sim. Temos que ver cada vez com mais cuidado o que ocorre nos mercados lá fora, pois o que está acontecendo no mundo pode mexer com alguns mercados daqui. Então, estamos verificando se, face às condições e à volatilidade dos mercados, o requerimento de capital que temos hoje para derivativos está confortável ou se é necessário exigir alguma coisa mais. O trabalho do supervisor é esse: detectar onde tem risco ao patrimônio do banco — e, por consequência, ao patrimônio do investidor e depositantes — e fazer com que esse risco seja trazido a um nível aceitável.

Estado — Os bancos brasileiros perderam muito com derivativos em função da crise em outros mercados?

Mauch — Temos que separar o que é banco e o que é fundo. Houve fundos que tiveram chamada de margem sim, que tiveram de comparecer com recur-

sos. Quanto aos bancos, não se pode pensar que uma instituição que eventualmente foi chamada a cumprir margem em um mercado, necessariamente perdeu. Afinal, esse mesmo banco poderia estar "hedgiado" (de hedge, operação que compensa a perda de outra) em outro mercado. Então vamos ter números mais compactados, mais consolidados um pouco mais à frente.

Estado — Durante o auge da crise, em fins de outubro, houve rumores sobre dificuldades de bancos brasileiros em acertar posições no exterior...

Mauch — Insisto. Tem de fazer uma separação entre o que é posição de banco e posição de fundo que ele administra. São duas coisas totalmente diferentes. Existem fundos que, por sua natureza, são mais alavancados, que oferecem maior rentabilidade mas, em compensação, também maiores riscos. Podem ter rentabilidade acima da média, mas podem também perder. Nesse episódio, houve fundos que perderam bastante e que foram chamados a cumprir margem.

Estado — O senhor fala de fundos administrados por ban-

cos brasileiros no exterior?

Mauch — Sim. Pode haver bancos com pendências no exterior. Há também bancos que podem não ser subsidiárias de bancos brasileiros mas que pertencem a controladores de bancos brasileiros. Pode ter de tudo um pouco, uma subsidiária, uma agência... E essa subsidiária, essa agência ou banco paralelo pode ser administrador de um fundo no exterior que perdeu. Mas é preciso separar o que é prejuízo de fundo e o que é prejuízo de banco.

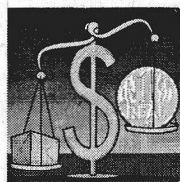
Estado — Saindo do assunto crise, gostaria de saber sobre o ingresso de bancos estrangeiros no Brasil. A política de exigir contribuições em dinheiro para pagamento de credores de bancos quebrados vai continuar?

Mauch — Não é simplesmente dar uma contribuição e entrar. As autorizações estão sendo concedidas em função do interesse do governo brasileiro. O que é interesse do governo? Privatização de bancos públicos estaduais ou federais é interesse? Sem dúvida nenhuma, é. Recuperar recursos dispendidos no passado para solução de problemas do sistema financeiro é interesse? Sem dúvida nenhuma, é. O mercado brasileiro não é um baile popular em que é só pagar e entrar, não. A instituição financeira que vem para o Brasil, em primeiro lugar, tem de ter um plano, mostrar o investimento que vai fazer aqui dentro e

ser aprovada pela autoridade de supervisão do país de origem.

Estado — Ainda há espaço para entrada de novos bancos no Brasil? O mercado não está saturado?

Mauch — Acho que ainda tem espaço sim, principalmente em termos de oferecimento de serviços bancários, pois a gente vê cada vez mais bancos descobrindo novos nichos. Outro dia, eu estava ouvindo sobre um banco que só trabalhava com empresas de maior porte e que descobriu que boa parte do lucro dele vinha de empresas abaixo daquele nível. Esse banco começou então a desenvolver um segmento para empresas de menor porte, para as quais não estava dando tanta atenção anteriormente. Eu acho que essa busca é interessante. Quanto mais concorrência, melhor o serviço e menor o preço. Qual é o cuidado que a supervisão bancária deve ter? Que os níveis de riscos sejam adequados e que a concorrência não coloque em risco o próprio sistema. (AE)



SEGURANÇA
VEM DA
QUALIDADE DOS
ATIVOS

ALGUNS
FUNDOS
PERDERAM
MUITO